GUERRA ÀS DROGAS:

RACISMO E ENCARCEIRAMENTO DO POVO PRETO

A chamada "guerra às drogas" é uma política de controle de drogas implementada em muitos países ao redor do mundo, incluindo o Brasil. Essa política é baseada em proibições legais do uso, produção, distribuição e venda de drogas, e é caracterizada por uma abordagem repressiva e criminalizante. Porém, é uma abordagem que apresenta ineficiência e impactos negativos sobre a sociedade.

A sociedade sempre fez o uso de drogas tanto para meios recreativos como para meios medicinais. É difícil determinar um ponto exato no qual começou a criminalização das drogas, tendo em vista que a classificação de algumas dessas substâncias como ilícitas estão ligadas a valores morais e costumes. O consumo abusivo de ópio na China na virada do século XIX para o XX trouxe à tona a discussão sobre drogas e suas consequências em diversos países. Além disso, a capacidade de sintetização de novos entorpecentes fez com que os países se comprometeram a inibir o uso de cocaína e opiáceos em seus territórios. Houve também o surgimento de movimentos religiosos nos Estados Unidos com o objetivo de combater o uso de substâncias que fossem contra a moral religiosa, como o álcool, que acabou sendo proibido por meio de uma emenda constitucional em 1913.

Além desses aspectos, existem certos fatores que fazem a "manutenção" dessa política, como a pressão política e a influência dos meios de comunicação. Políticos muitas vezes adotam políticas de combate às drogas para mostrar que estão agindo em prol da segurança da população. Os meios de comunicação, por sua vez, muitas vezes reforçam estereótipos negativos sobre usuários de drogas, criando uma cultura de medo e intolerância.

Além desses problemas, a Guerra às Drogas também possui um aspecto econômico. A economia norte-americana é beneficiada pelo narcotráfico, gerando cerca de US$240 bilhões por ano, sendo que uma parte é investida em diversos setores da economia e outra no mercado financeiro. A Guerra às Drogas protege as companhias químicas norte-americanas ao impedirem que novos produtos naturais ou sintetizados possam ser usados como fins medicinais, além de impedir pesquisas na área da saúde. A militarização com o falso pretexto moralista é utilizada para defender a recolonização comercial da América Latina.

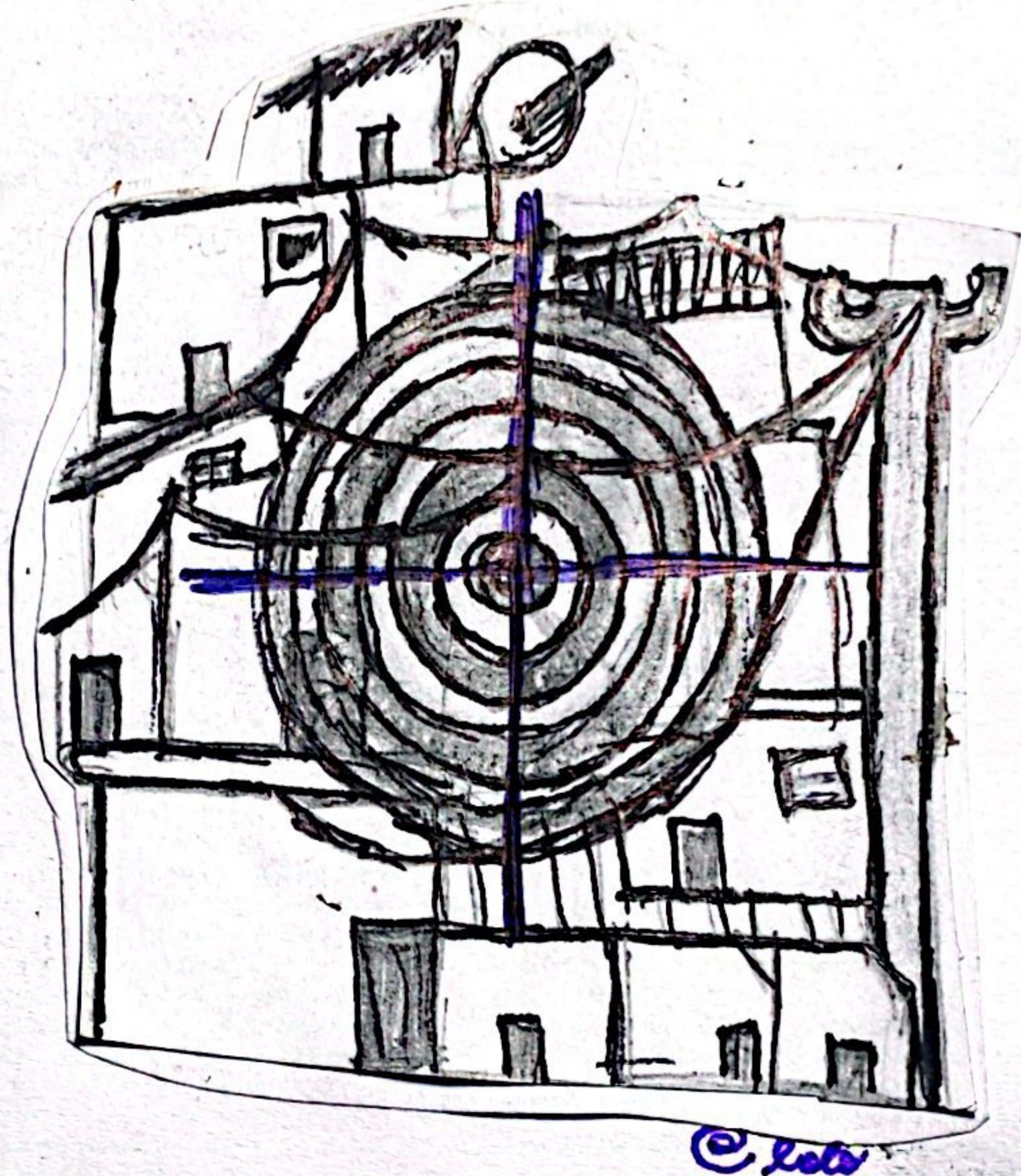
Henman, em seu estudo "Indigenous Peoples, Drugs and Policy-Making: The War on Drugs and the Politics of Race and Culture", argumenta que as políticas de drogas são uma forma de colonização cultural que têm um impacto particularmente prejudicial sobre as populações indígenas. Ele afirma que as políticas de drogas não levam em consideração as perspectivas culturais e históricas das comunidades indígenas e, portanto, não levam em conta suas necessidades e circunstâncias específicas.

Os povos indígenas muitas vezes são afetados de maneira desproporcional pelas políticas de drogas, já que muitas dessas comunidades são localizadas em áreas rurais ou remotas, onde o acesso a serviços de saúde e educação é limitado. Além disso, as populações indígenas podem ter tradições e práticas culturais que envolvem o uso de plantas e substâncias que são consideradas ilegais pelas políticas de drogas, o que pode levar à criminalização dessas práticas culturais e à marginalização dessas comunidades.

Em resumo, a guerra às drogas tem sido criticada por ter um impacto desproporcional sobre as populações indígenas, que muitas vezes são afetadas de maneira mais severa pelas políticas de drogas repressivas e criminalizantes. Anthony Richard Henman argumenta que essas políticas representam uma forma de colonização cultural e não levam em consideração as perspectivas culturais e históricas das comunidades indígenas, o que pode levar à marginalização e à criminalização das práticas culturais dessas comunidades. A reforma das políticas de drogas para abordar as necessidades específicas das comunidades indígenas é crucial para garantir a justiça social e a equidade para todas as pessoas.

Foto: índio junto à planta de maconha com inflorescência recente (fevereiro de 1979)
Anthony Richard Henman

A associação de pessoas pretas às drogas tem uma ligação clara e concreta com a política da guerra às drogas, que foi implementada majoritariamente em regiões periféricas. Cabe pontuar que existe maior concentração de pessoas pretas em regiões periféricas no Brasil, em decorrência da abolição da escravatura. Dado que, apesar da alforria, os libertos foram "largados à própria sorte", sem qualquer tipo de indenização ou política de inserção na sociedade, perpetuando o descaso e a noção do liberto como indivíduo marginal.

Apesar das drogas serem consumidas em todos os espaços, é na favela e nas periferias que o combate é violento; na realidade, a guerra às drogas é uma guerra às favelas, e principalmente, ao jovem preto e pobre. O viés moralista e conservador que pauta essa política, associa as drogas às pessoas pretas, tendo como efeito o extermínio e o encarceramento em massa da população jovem, pobre e preta, relegada à margem da sociedade.

Outrossim, essa relação supracitada possui graves consequências na população negra em vários aspectos, como as condições de moradia, segurança, cenários socioeconômicos, qualidade de vida, oportunidades de trabalho e até mesmo na privação de liberdade. Esse caráter punitivista e moralista em relação às drogas promove ainda mais o pensamento "luta contra o mal", ou seja, uma guerra em todos os significados da palavra. E como na maioria dessas, a guerra às drogas possui também elementos geográficos e um público mais vulnerável à toda violência. De acordo com Ferrugem (2018, p. 47)

"o processo de exclusão no Brasil tem na junção raça, gênero e classe social em sua materialização, não há como discutir a guerra às drogas sem considerar esses marcadores sociais que forjam os jovens negros como os inimigos de fato dessa guerra [...]"

O processo de criminalização da pobreza é antigo, por anos pessoas pobres vivenciam o controle do Estado sobre as diferentes particularidades da sua vida. Em grande maioria, a população mais afetada tanto fisicamente quanto moralmente, são pessoas pretas que habitam em periferias. Diante disso, Santos et al. (2022) defende que o controle penal do aparato estatal atua também como uma dessas diversas formas de "controle social", operando justamente nessa camada social. De acordo com pesquisas feitas em 2015, a população geral de jovens brasileiros é composta por 53% de pessoas pretas. Em paralelo disso, foi averiguado a partir das análises de dados da INFOPEN que 64% da população prisional é também composta por pessoas pretas. Dessas ocorrências, o crime que mais prende é o de tráfico de drogas. (apud Freitas et al. 2018, p.27). Diante disso, é visível afirmar que a balança moralista pesa para um lado, e este lado afetado vivencia diariamente diversas formas de violência e repressão.

Referências

CARNEIRO, Henrique. Guerra às Drogas e Populações Vulneráveis: o Impacto da Política de Drogas no Brasil. In: CHERCHIGLIA, Leandro; STEFANELLI, Magda. (orgs.). Políticas Públicas e Segurança: Reflexões Intérdisciplinares. Editora CRV, 2019. p. 25-43.

FERRUGEM, Daniela. Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial. 2018. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

FREITAS, Dandara Dara Mahusi Dias de et al. Racismo estrutural e encarceramento em massa da juventude negra: uma investigação do processo histórico e social de criminalização do negro no Brasil. 2018.

HENMAN, Anthony Richard. Indigenous Peoples, Drugs and Policy-Making: The War on Drugs and the Politics of Race and Culture. Routledge, 2016.

VANWORMER, K. J.; TRAVERS, R. K. The Sociology of Addiction. 4 ed. Oxford University Press, 2018.

SANTOS, Paulo Roberto Felix dos et al. Encarceramento em massa e racismo: a realidade no sistema prisional sergipano. Revista Katálysis, v. 25, p. 291-302, 2022.

GUERRA, Ícaro Lima. Análise socioeconômica da política de guerra às drogas. 2017.

QUEM SOMOS

Somos discentes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, e estamos produzindo esse material para abordar sobre o contexto da guerra às drogas no Brasil, essa produção não possui fins lucrativos e o design é inspirado no álbum Sobrevivendo no Inferno de Racionais Mc's.

EQUIPE EDITORIAL

Caio Henrique (@caiohenrique_1)
Editor

Letícia Gois (@letgois_)
Editor

Rebecca Aparecida (@rwbecca_)
Editor

Ana Lívia (@nalivmota)
Editor

Bárbara Heloisa (@_barbaraheloisa)
Revisão, ilustrações e diagramação